

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ**

GUILHERME HENRIQUE DE OLIVEIRA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE INVESTIMENTOS FINANCEIROS DOS
ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIDAVI**

**RIO DO SUL
2025**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ**

GUILHERME HENRIQUE DE OLIVEIRA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE INVESTIMENTOS FINANCEIROS DOS
ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIDAVI**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Administração, pertencente à Área das Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: M.e. Carlos Eduardo Strey

RIO DO SUL

2025

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ**

GUILHERME HENRIQUE DE OLIVEIRA

**NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE INVESTIMENTOS FINANCEIROS DOS
ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIDAVI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de graduação em Administração da Área
das Ciências Sociais Aplicadas do Centro
Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale
do Itajaí, a ser apreciado pela Banca
Examinadora, formada por:

Orientador: Prof. M.e Carlos Eduardo Strey

Banca Examinadora:

Professor (a):

Professor (a):

Rio do Sul, dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me permitiu tudo isso e me fez ficar mais forte a cada imprevisto ao longo desses anos, a minha namorada Jennifer que trilhou também junto comigo o mesmo curso, agradeço por sempre estar ao meu lado e sempre me apoiar, pela pessoa incrível que é, por toda dedicação, comprometimento e companheirismo, te amo muito. Obrigado simplesmente por participar comigo durante essa caminhada e por nunca me deixar desistir.

Aos meus pais Marcius e Marciane, que me proporcionaram uma educação digna e também ao apoio incondicional, pelas tantas vezes que não participei um pouco mais do almoço ou do jantar.

Estendo também aos meus colegas que não mediram esforços para fazer acontecer, em todos os momentos, em todos os trabalhos executados coletivamente, sem dúvidas tiveram um papel importante para que eu pudesse suportar esse processo.

Agradeço, por fim, esta universidade, aos professores, ao meu orientador Carlos Eduardo Strey que dedicou-se muito e me auxiliou ao êxito, e meu coordenador de curso que foi muito prestativo em todas as necessidades.

*“Viver é enfrentar um problema atrás do outro. O modo como você o encara é que
faz a diferença.”
(Benjamin Franklin)*

RESUMO

Manter uma vida financeira equilibrada pode proporcionar diversos benefícios, enquanto o desequilíbrio financeiro tende a gerar insegurança e comprometer o bem-estar pessoal. Essa realidade também se aplica aos acadêmicos, que são diretamente impactados por toda sua vida dependendo de suas escolhas. Diante disso, o conhecimento sobre investimentos financeiros torna-se essencial, contribuindo para a saúde financeira individual, o que pode refletir positivamente em seu desempenho acadêmico, profissional e na qualidade de vida. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo caracterizar o perfil, averiguar padrões de comportamento financeiro e analisar o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros dos acadêmicos do curso de Administração do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI) - SC. A pesquisa é de natureza quantitativa, com abordagem descritiva e procedimento do tipo *survey*. Os dados foram coletados por meio de um formulário estruturado, aplicado em formato de questionário *on-line*. A partir da coleta de dados, foi realizado o tratamento e a análise das informações, buscando compreender o grau de familiaridade dos acadêmicos com conceitos e práticas de investimentos a fim de compreender o nível de conhecimento dos mesmos. Como resultado, verificou-se que os acadêmicos possuem, em sua maioria, uma reserva de emergência, o que representa um ponto positivo. Identificou-se também associação entre o perfil autodeclarado e variáveis de conhecimento financeiro, como liquidez e fundos de investimento: quanto maior o perfil, maiores foram as porcentagens de alternativas corretas. De forma semelhante, o perfil autodeclarado mostrou relação com a renda, indicando que acadêmicos com perfis mais elevados tendem a apresentar rendas maiores.

Palavras-chave: conhecimento financeiro; investimentos; acadêmicos.

ABSTRACT

Maintaining a balanced financial life can provide numerous benefits, whereas financial imbalance tends to generate insecurity and compromise personal well-being. This reality also applies to undergraduate students, who are directly impacted throughout their lives depending on their choices. In view of this, knowledge about financial investments becomes essential, contributing to individual financial health, which can positively reflect on academic and professional performance, as well as quality of life. Thus, this study aims to characterize the profile, verify patterns of financial behavior, and analyze the level of knowledge about financial investments among undergraduate students of the Business Administration course at UNIDAVI in Alto Vale do Itajaí - SC. The research is quantitative, with a descriptive approach using a survey method. Data were collected using a structured form, applied in the form of an on-line questionnaire. Based on the data collected, the information was processed and analyzed, seeking to understand the degree of familiarity of the students with investment concepts and practices in order to comprehend their level of knowledge. As a result, it was found that most undergraduate students have an emergency fund, which is a positive point. An association was also identified between self-reported profile and financial knowledge variables, such as liquidity and investment funds: the higher the profile, the higher the percentage of correct alternatives. Similarly, the self-reported profile showed a relationship with income, indicating that undergraduate students with higher profiles tend to have higher incomes.

Key-words: *financial knowledge; investments; students.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos respondentes	33
Tabela 2 – Comportamento financeiro	36
Tabela 3 – Conhecimento financeiro básico	39
Tabela 4 – Conhecimento financeiro avançado	41
Tabela 5 – Associação do Perfil com o Conhecimento do Conceito de Liquidez.	43
Tabela 6 – Associação do perfil com conhecimento sobre fundos de investimento.	44
Tabela 7 – Associação entre perfil e renda.	45

LISTA DE ABREVIATURAS

CVM	Comissão de Valores Mobiliários
EaD	Ensino a Distância
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FGC	Fundo Garantidor de Crédito
INFE	International Network on Financial Education
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
SFN	Sistema Financeiro Nacional
UNIDAVI	Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 TEMA DE ESTUDO.....	11
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	15
2.1.1 Conceitos e Diferenças.....	16
2.1.2 Dimensões da Alfabetização Financeira.....	17
2.1.2.1 Conhecimento Financeiro.....	18
2.1.2.2 Atitude Financeira.....	19
2.1.2.3 Comportamento Financeiro.....	20
2.2 INVESTIMENTOS FINANCEIROS.....	20
2.2.1 Risco, Retorno.....	21
2.2.2 Liquidez.....	23
2.2.3 Perfil do Investidor.....	24
2.2.4 Aprendendo a Investir.....	25
2.3 CONHECIMENTO FINANCEIRO ENTRE ACADÊMICOS.....	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	28
3.2 AMOSTRA E POPULAÇÃO.....	29
3.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	30
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES.....	33
4.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO.....	36
4.3 CONHECIMENTO FINANCEIRO BÁSICO.....	39
4.4 CONHECIMENTO FINANCEIRO AVANÇADO.....	41
4.5 RESULTADOS DE ASSOCIAÇÃO ENTRE VARIÁVEIS.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados.....	53
---	-----------

■

1 INTRODUÇÃO

Diante das constantes mudanças no cenário econômico brasileiro, torna-se cada vez mais essencial o conhecimento financeiro diante de investimentos e do que circunda esse mercado. A crescente percepção sobre a ineficiência da previdência social reforça a necessidade de que os acadêmicos iniciem a investir de forma consciente o quanto antes, visando a construção de uma base financeira sólida e estável para o futuro.

A curva dos juros compostos ao longo do tempo mostra-se uma aliada poderosa de quem sabe investir de forma paciente e estratégica. Contudo, nem todos compreendem como utilizá-los a seu favor. Por isso, quanto antes os acadêmicos se conscientizarem sobre a importância desse tema, maiores serão suas chances de alcançar liberdade financeira de forma segura.

De acordo com o Relatório de Cidadania Financeira do Banco Central (2021), observa-se que a maioria dos jovens brasileiros estabelece seu primeiro contato com o Sistema Financeiro Nacional (SFN) entre 15 e 21 anos de idade. Aos 15 anos, cerca de 17% já possuíam algum relacionamento com o SFN; aos 18, esse percentual subia para 69%; e, aos 21, praticamente a totalidade (92%) já havia iniciado esse vínculo, em grande parte impulsionado pela abertura de contas para o recebimento do Auxílio Emergencial.

Nesse contexto, a crescente inserção dos jovens no sistema financeiro nacional e nos desafios enfrentados ao lidar com questões econômicas desde cedo, tornam evidente a importância do conhecimento sobre investimentos. No ambiente acadêmico, torna-se fundamental compreender o nível de conhecimento que os acadêmicos possuem sobre investimentos, pois isso pode refletir tanto no preparo desses futuros profissionais quanto nas lacunas existentes na formação educacional relacionada ao tema.

Dessa forma, este trabalho visa caracterizar o perfil, averiguar padrões de comportamento financeiro e analisar o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros dos acadêmicos do curso de Administração da (UNIDAVI), no Alto Vale do Itajaí – SC, permitindo uma melhor compreensão destes aspectos e elucidando este tópico tão importante.

No desenvolvimento deste estudo, o capítulo 2 apresenta uma revisão da literatura que abrange os principais temas necessários para a fundamentação

teórica e o alcance dos objetivos propostos. Inicialmente, discute-se a educação e a alfabetização financeira, explorando seus conceitos e diferenças, bem como as dimensões, sendo, o conhecimento financeiro, a atitude financeira e o comportamento financeiro. Em seguida, são abordados os investimentos financeiros, com a apresentação de conceitos básicos, a relação entre risco e retorno, liquidez, a definição de perfil do investidor e as nuances de aprender a investir. Por último, são analisados estudos sobre o conhecimento financeiro entre acadêmicos, buscando estudos recentes, as lacunas na educação financeira no ensino superior e a importância da mesma para a formação universitária.

O capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos deste estudo, que se caracteriza por uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa e procedimento do tipo *survey*. O estudo busca cumprir os objetivos propostos neste trabalho. Para isso, foi aplicado um questionário estruturado com perguntas fechadas, de forma *on-line*.

Os dados coletados apresentados no capítulo 4 permitiram caracterizar o perfil dos respondentes, averiguar os comportamentos financeiros e por fim, analisar o nível de conhecimento sobre investimentos dos acadêmicos.

Por fim o capítulo 5 é composto pelas considerações finais deste estudo que contempla a perspectiva final das análises realizadas de acordo com os dados coletados, também expõe-se as contribuições para a comunidade acadêmica e sugestões para futuras pesquisas relacionadas ao tema.

1.1 TEMA DE ESTUDO

O conhecimento sobre investimentos mostra-se uma das bases para a construção de uma vida financeira equilibrada. No contexto da vida de um administrador, torna-se essencial que se tenha tal capacidade, afinal, faz-se de suma importância saber planejar, organizar, dirigir e controlar, também, os próprios recursos para um futuro próspero. Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020) a educação financeira refere-se ao processo de aquisição de conhecimentos, habilidades e disposições relacionados ao uso do dinheiro. Processo que auxilia na alfabetização financeira dos indivíduos, ao traduzir o resultado em termos de conhecimentos, atitudes e comportamentos,

assim, a educação financeira envolve os contextos e mecanismos por meio dos quais esses resultados se formam.

Quanto aos investimentos, ainda, pode ser compreendido como a aplicação de dinheiro ou de recursos agora, na expectativa de receber benefícios futuros, ou seja, se sacrifica algo de valor no presente para poder colher um resultado melhor adiante (Bodie; Kane; Marcus, 2014). Contudo, ao compreender essencialmente a natureza de um investimento, torna-se relevante a compreensão do conhecimento necessário para sua execução. Diante disso, Rosini e Palmisano (2013) explicam que, tanto a recepção de informação, como seu processamento, estão em evolução cumulativa ao longo da vida de cada indivíduo. Esses elementos se acumulam no que se denomina "conhecimento". Dessa forma, dois aspectos caminham lado a lado, sendo substancial que o conhecimento preceda o investimento.

Na ausência deste conhecimento os universitários podem não ter ideia dos riscos que correm, tendo em vista o momento de sua vida em que o recurso financeiro tende a ser menor, o tempo escasso, fazendo com que não tenham informações necessárias e instrução contínua para realizar bons investimentos sozinhos.

Diante desse cenário, um levantamento do Serasa (2025) aponta que 45,31% da população brasileira encontra-se inadimplente, enquanto no estado de Santa Catarina esse índice é de 35,03%. Reforçando a importância e relevância do tema. Neste sentido, o presente estudo busca avaliar o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros dos acadêmicos de Administração da UNIDAVI no Alto Vale do Itajaí - SC, caracterizando e averiguando padrões de comportamento financeiro para identificação de possíveis lacunas e oportunidades de melhoria no ensino de finanças e investimentos pessoais.

A análise desses aspectos podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias educacionais mais eficazes, auxiliando na preparação dos acadêmicos para um planejamento e gestão eficiente de seus recursos, além da contribuição futura como melhoria contínua. Para tanto, elaborou-se a seguinte questão norteadora do problema: **Qual o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros dos acadêmicos de Administração da UNIDAVI?**

1.2 OBJETIVOS

Visando responder à pergunta de pesquisa proposta, apresentam-se os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros dos acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI.

1.2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil dos respondentes;
- Averiguar padrões de comportamento financeiro e principais dificuldades sobre finanças pessoais;
- Identificar lacunas e oportunidades de melhoria no entendimento de conceitos financeiros e práticas de investimento dos acadêmicos;

1.3 JUSTIFICATIVA

A educação financeira tem se tornado um tema cada vez mais relevante, especialmente no contexto atual e da formação acadêmica em Administração. O conhecimento sobre investimentos financeiros não apenas contribui para a gestão eficiente de recursos pessoais, mas também capacita futuros administradores a tomar decisões financeiras mais assertivas nas organizações em que atuam. No entanto, muitos acadêmicos ingressam e concluem a graduação sem uma compreensão adequada sobre investimentos, o que pode impactar diretamente a saúde financeira de seus recursos e seu desempenho profissional, motivando assim a execução do estudo deste tema pelo acadêmico.

Para os universitários, compreender os conceitos de investimento mostra-se essencial para o planejamento financeiro pessoal e para o desenvolvimento de uma visão estratégica no mercado de trabalho. A falta desse conhecimento pode levar a

decisões inadequadas, descontrole sobre dívidas e dificuldades na construção de um patrimônio sustentável ao longo da vida.

Considerando o ponto de vista acadêmico, este estudo se justifica pela necessidade de analisar o nível de conhecimento dos acadêmicos de Administração da UNIDAVI sobre investimentos, identificando lacunas e oportunidades de melhoria no ensino de finanças e práticas de investimento. A análise desses aspectos pode auxiliar a universidade na elaboração de estratégias educacionais mais eficazes, contribuindo para uma formação acadêmica mais condizente ao tema.

Para a universidade, compreender o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros de seus acadêmicos pode ajudar a promover uma formação mais completa e qualificá-los melhor a respeito do tema. Além disso, esta pesquisa serve como base para novos estudos e pode incentivar a criação de programas de extensão voltados à educação financeira, beneficiando não apenas os acadêmicos, mas toda a comunidade em torno dela.

Portanto, este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender o nível de conhecimento sobre investimentos financeiros e aprimorar a educação financeira dos acadêmicos do Curso Administração da UNIDAVI, contribuindo para sua formação acadêmica/profissional e para uma sociedade mais consciente financeiramente e menos endividada ao longo do tempo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está organizado em três importantes partes, visando um melhor entendimento das teorias que fundamentam os tópicos deste estudo buscando trazer maior clareza.

A primeira parte apresenta as principais discussões referentes aos conceitos de educação financeira e alfabetização financeira, e a relação entre eles. A segunda aborda as visões da base dos investimentos financeiros, no que tange risco, retorno e o perfil do investidor, auxiliando propriamente a execução do estudo na caracterização do perfil dos acadêmicos. O terceiro bloco busca compreender o conhecimento financeiro entre os acadêmicos.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

Inicialmente, destaca-se que o brasileiro está inserido em uma economia capitalista, na qual os recursos financeiros são essenciais. Entretanto, o país nem sempre teve uma estabilidade que favorecesse a promoção da educação financeira de forma adequada.

A educação financeira no Brasil surgiu de forma tardia e, inicialmente, alcançou apenas a classe média e alta. Antes do Plano Real, a alta inflação levava a população a gastar rapidamente a renda, com receio da perda iminente do poder de compra (Piovesan; Schmitz; Braum, 2024).

O governo brasileiro, por sua vez, em 2010, compreendendo a realidade, instituiu por meio do decreto presidencial nº 7.397, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), estabelecendo regras, diretrizes e objetivos, na qual a educação financeira, antes realizada de maneira despadronizada, passou a ser uma política de Estado, composta por um comitê envolvendo órgãos reguladores do mercado financeiro, ministérios e representantes da sociedade civil (Banco Central do Brasil, 2025).

Savoia, Saito e Santana (2007, p. 2) afirmam que a educação financeira é “entendida como um processo de transmissão de conhecimento que permite o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos, para que eles possam tomar decisões fundamentadas e seguras”.

Em complemento, o Conselho Federal de Contabilidade (2022) destaca que os programas de educação financeira contribuem para ampliar o conhecimento e a alfabetização financeira, uma vez que influenciam atitudes e comportamentos, refletindo positivamente nas decisões e na gestão dos recursos pessoais.

2.1.1 Conceitos e Diferenças

Embora a educação financeira esteja ligada diretamente à alfabetização financeira, possuem características distintas entre si. Enquanto a educação financeira pode ser compreendida como um processo de aprendizagem e de habilidades que ajudam indivíduos a tomarem decisões conscientes e cuidar de suas finanças pessoais, a alfabetização financeira, por sua vez, refere-se à capacidade de aplicar esses conhecimentos adquiridos.

Desse modo, a educação financeira está relacionada ao conhecimento e a alfabetização financeira e trata-se, portanto, de um conjunto envolvendo a consciência, o conhecimento, as habilidades, atitudes e comportamentos essenciais para que as pessoas consigam tomar decisões financeiras inteligentes e alcancem o bem-estar financeiro (OCDE, 2020).

Segundo Huston (2010, p. 308), “a educação financeira é um insumo destinado a aumentar o capital humano de uma pessoa, especificamente o conhecimento e/ou aplicação financeira (ou seja, a alfabetização financeira)”. Assim, embora tenham relação, os construtos de educação financeira e alfabetização financeira se diferenciam principalmente pela dimensão da aplicação.

Essencialmente, vale destacar que, os termos educação financeira (*financial education*) e alfabetização financeira (*financial literacy*) têm sido utilizados como sinônimos e observados atentamente nos últimos tempos que não estão no mesmo patamar. Enquanto a educação financeira está ligada à forma inicial e de aprendizagem do indivíduo, a alfabetização trata de um passo adiante (Potrich; Vieira; Ceretta, 2013).

Observando a imprecisão da relação e definição dos conceitos supracitados, a partir de verificação realizada no presente estudo e na tentativa de tradução automática, a própria tecnologia confunde a terminologia. Bastando um simples teste de tradução de uma frase, contendo o termo *financial literacy*, a tradução tanto para PT-BR quanto para o Espanhol traz como “Educação Financeira” e “Educación

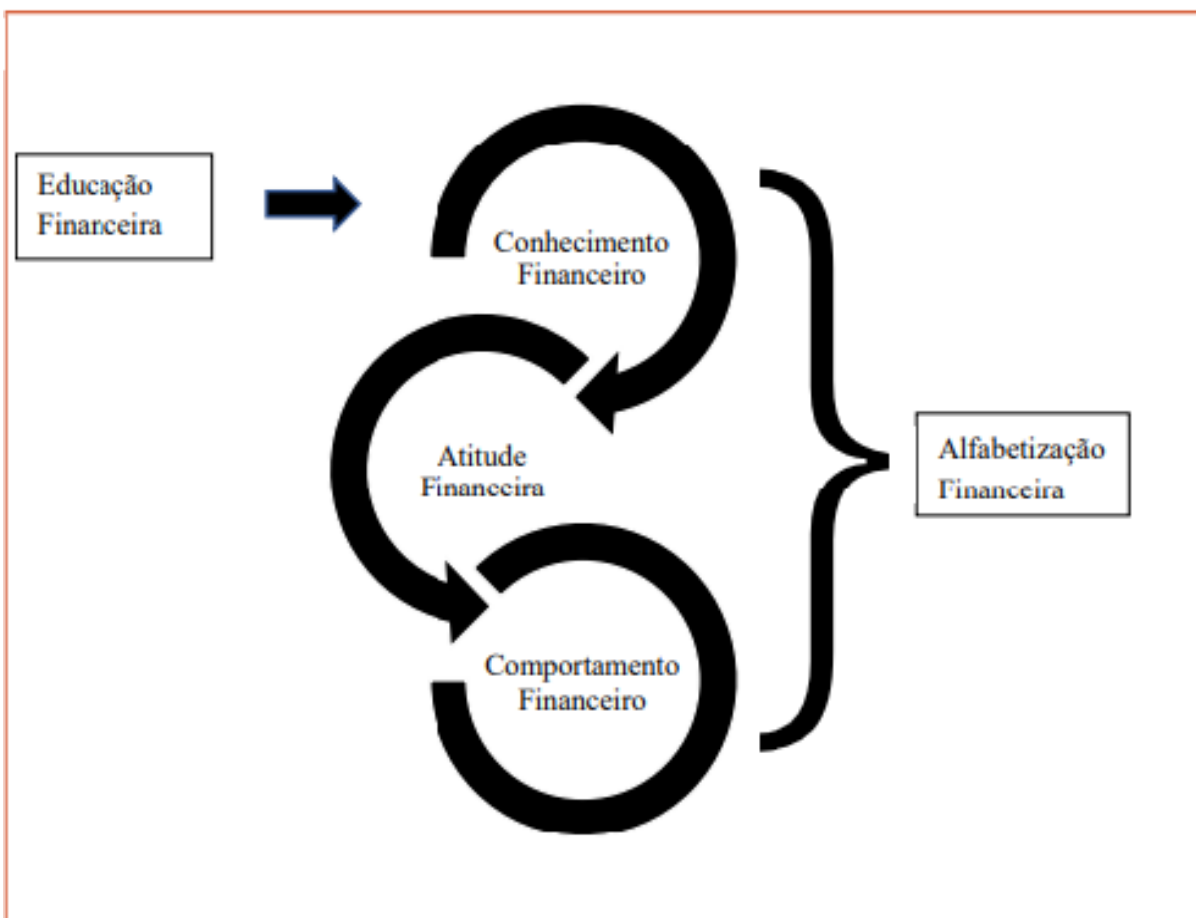
Financiera” respectivamente no Google Translate e “*Alfabetização Financeira*” e “*Educación Financiera*” respectivamente no Cambridge Dictionary. Essa ambiguidade pode confundir tanto pesquisadores quanto leitores não familiarizados com o assunto.

2.1.2 Dimensões da Alfabetização Financeira

A alfabetização financeira é compreendida por três habilidades essenciais, que abrangem dimensões como o conhecimento, as atitudes e os comportamentos financeiros. Essas dimensões são fundamentais para que os indivíduos possam tomar suas decisões financeiras (Atkinson; Messy, 2012).

Desse modo, a Figura 1, tem como objetivo permitir uma melhor compreensão quanto a conexão entre as três dimensões citadas e também identificar cada etapa envolvida nessa construção:

Figura 1 – Síntese da associação entre educação financeira e alfabetização financeira



Fonte: Adaptado de Conselho Federal de Contabilidade (2022, p. 64).

No entendimento de Huston (2010), diferentemente de Atkinson e Messy, apresenta a alfabetização financeira possuindo duas dimensões: o entendimento e a utilização do conhecimento sobre as finanças pessoais. Para tanto, Huston e Atkinson e Messy, apresentam enfoque quanto à aplicação e utilização do conhecimento financeiro, e que por fim estas dimensões estão intimamente integradas.

Considerando o trabalho realizado por Piovesan, Schmitz e Braum (2024), que analisaram as definições de alfabetização financeira propostas por diferentes autores ao longo do tempo, os estudos demonstram que atitudes financeiras e comportamentos financeiros são elementos recorrentes diante das obras avaliadas, chegando à compreensão de que “A alfabetização financeira pode ser mensurada a partir de atitudes, comportamentos e conhecimentos acerca das finanças pessoais” (Piovesan; Schmitz; Braum, 2024, p. 7).

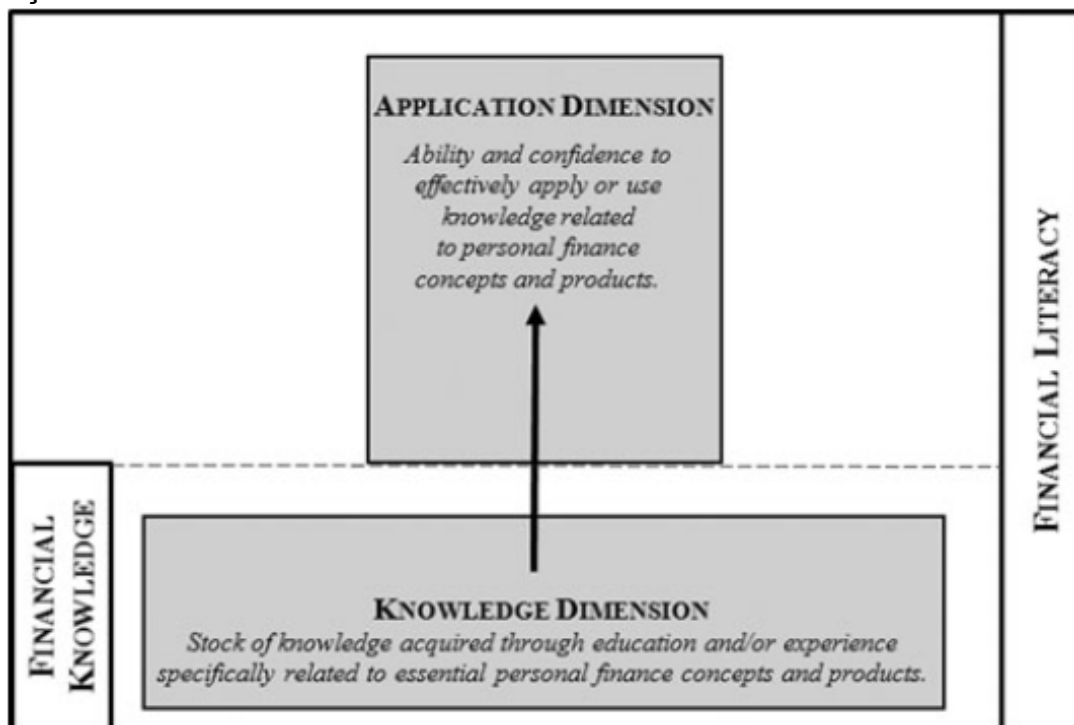
Quanto à mensuração da alfabetização financeira, os autores notam um desafio terminológico na literatura, considerando que não se trata apenas de verificação do conhecimento teórico dos indivíduos, mas também como essas informações são processadas e aplicadas no cotidiano de cada um. Dessa forma, Huston (2010) destaca que é necessário avaliar tanto a posse do conhecimento quanto a capacidade de utilizá-lo de maneira adequada.

Diante das dificuldades enfrentadas para se mensurar diretamente a alfabetização financeira de forma padronizada, destaca-se a atuação da OCDE, que criou a *International Network on Financial Education* (INFE) com o objetivo de estabelecer uma padronização de forma internacional para avaliar a alfabetização financeira, como um todo, em diferentes países. O instrumento proposto pela INFE, considera três dimensões principais: conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros (Atkinson; Messy, 2012).

2.1.2.1 Conhecimento Financeiro

O conhecimento financeiro é crucial, mas não se confunde com o conceito mais amplo de alfabetização financeira. Conforme Huston (2010, p. 307) avaliou, "O conhecimento financeiro é uma dimensão integral, mas não equivalente, da alfabetização financeira". Para a autora, a alfabetização é um construto multidimensional que se divide em dois eixos: o conhecimento e a aplicação (Huston, 2010). Tais dimensões são ilustradas na Figura 2, que detalha a separação conceitual entre elas.

Figura 2 – Conceito de alfabetização financeira: dimensões do conhecimento e da aplicação



Fonte: Huston (p. 307, 2010).

Como pode ser observado na Figura 2, apresenta-se a alfabetização financeira (*Financial Literacy*) sendo composta pela Dimensão do Conhecimento (*Knowledge Dimension*), que engloba o acúmulo de saberes via educação e experiência precedendo a Dimensão de Aplicação (*Application Dimension*), a qual se refere à capacidade e à confiança do indivíduo em mobilizar esse estoque de conhecimento de forma eficaz em suas decisões financeiras, estabelecendo a distinção essencial entre o saber e o agir (Huston, 2010).

2.1.2.2 Atitude Financeira

A atitude financeira diz respeito às crenças e predisposições do indivíduo sobre o dinheiro. De acordo com Potrich, Vieira e Kirch (2016, p. 154), “a atitude financeira [...] pode ser definida como as crenças econômicas e não econômicas possuídas por um tomador de decisão”.

Há uma distinção conceitual importante entre comportamento financeiro e atitude financeira. Potrich *et al.* (2016) ressaltam que “o comportamento financeiro é conceituado como sendo a maneira pela qual o indivíduo lida com o dinheiro [...] se o indivíduo planeja ou não suas receitas e gastos”, enquanto a atitude reflete

disposições internas, como assumir metas de poupança ou consumo. Tendo o exposto, mesmo que dois indivíduos tenham igual conhecimento financeiro, aquele com atitudes financeiras mais positivas tenderá a poupar e planejar melhor seus gastos. Assim, a atitude financeira complementa o conhecimento, pois determina se o indivíduo irá aplicar esse conhecimento de forma consciente no dia a dia.

Em suma, enquanto o comportamento detém ações observáveis (como pagar contas em dia), a atitude financeira reflete o conjunto de valores, sentimentos e opiniões, que refletem em escolhas e moldam a forma com que o indivíduo encara as finanças pessoais.

2.1.2.3 Comportamento Financeiro

O comportamento financeiro representa o conjunto de ações e decisões que os indivíduos adotam na gestão de seus recursos econômicos, como poupar, consumir, investir ou endividar-se. Segundo Atkinson e Messy (2012), o comportamento é uma das três dimensões fundamentais da alfabetização financeira, junto ao conhecimento e à atitude.

Conforme destaca Huston (2010), a educação financeira constitui um investimento voltado para o desenvolvimento do capital humano, ao promover o conhecimento e a capacidade de aplicação prática das finanças pessoais. No entanto, a presença desse conhecimento não garante, por si só, comportamentos financeiros adequados, uma vez que fatores como vieses cognitivos, limitações de autocontrole, influências familiares e condições socioeconômicas também exercem papel significativo sobre as decisões financeiras e o bem-estar econômico.

Compreender as dimensões que compõem a alfabetização financeira revela-se fundamental para a consolidação e entendimento desses conceitos, uma vez que se complementam e se manifestam de forma interdependente. Assim, a efetividade das ações voltadas à educação financeira dependem da integração e avaliação dessas três dimensões, promovendo o desenvolvimento de competências que permitam aos indivíduos administrar seus recursos de maneira consciente e sustentável.

2.2 INVESTIMENTOS FINANCEIROS

O investimento é definido como a “Aplicação de capital (em títulos, imóveis etc.) com o objetivo de obter lucros” (Michaelis, 2025). Entretanto, investir vai além da simples aplicação de recursos, também envolve decisões que podem ter impacto direto na vida financeira das pessoas. Nesse sentido, “é cada vez mais evidente que erros financeiros podem impactar o bem-estar individual” (Huston, 2010, p. 310).

Dessa forma, de acordo com Pires (2006), as aplicações financeiras proporcionam maior segurança para o investidor e para a família, reduzindo a necessidade de trabalhar especialmente para sobreviver e formando uma renda para o caso de não ser mais possível realizar as atividades laborais.

O Investimento financeiro é compreendido como a aplicação do recurso que é poupado com o intuito da obtenção de remuneração sobre o que foi aplicado. Este recurso poupado é proveniente da sobra positiva da diferença entre as despesas versus receitas de um determinado período de tempo (Banco Central do Brasil, 2020).

“As decisões para investir podem variar muito, dependendo do montante disponível, do perfil do investidor e de sua experiência.” (Andratta *et al.*, 2009, p. 79).

Conforme Pires (2018, p. 83), “[...] a partir da observação dessas três variáveis, é que se pode achar uma combinação ideal [...], ou seja, investimento com alto retorno, baixo risco e alta liquidez, porém isso é praticamente impossível”. O autor ainda destaca que, ao se considerar retorno, risco e liquidez, é inevitável abrir mão de um dos elementos. Por isso, busca-se a melhor combinação e o equilíbrio entre eles. Ademais, nota-se que devam ser considerados ainda, o Perfil do Investidor, a situação financeira e patrimonial, o prazo de investimento, necessidade de liquidez, apetite de risco, objetivo do investimento e cenário econômico. Por fim, alerta também que cada investidor faz suas escolhas, em um mercado regado de normas, sendo essencial cumpri-las, sem buscar atalhos por meio de trapanças, sonegação e demais irregularidades.

2.2.1 Risco, Retorno

O Risco e Retorno nos investimentos andam juntos, apesar de serem termos diferentes, são indicadores avaliados que podem auxiliar se tal investimento é de

fato atraente para determinado investidor. Cada investidor detém um perfil e este perfil impacta diretamente em suas decisões, termo este que será aprofundado no tópico 2.2.3.

Existe, certamente, uma impossibilidade de prever o futuro. Com base nisso, observa-se que, quanto mais longo o horizonte de tempo, maior é a incerteza do valor do dinheiro. Diante desse cenário, os investidores não possuem uma garantia absoluta, mas sim uma estimativa de retorno sobre o investimento (Groppelli; Nikbakht, 2010, p. 73). Além disso, “O risco está associado à variabilidade do retorno de um investimento e resulta na possibilidade de ganhos ou prejuízos. O retorno corresponde aos ganhos ou prejuízos proporcionados por um investimento.” (Megliorini; Vallim, 2009, p. 67).

Dessa forma, risco e retorno geralmente são avaliados em conjunto, devido à relação entre si na tomada de decisão do investidor. Como afirmam os autores, “Quanto maior o risco relacionado a um ativo, maior será a taxa de retorno exigida” (Megliorini; Vallim, 2009, p. 67).

De forma objetiva, Groppelli e Nikbakht (2010, p. 73) afirmam: “O Retorno sobre o seu dinheiro deve ser proporcional ao risco envolvido”. Além do risco, os autores destacam um terceiro fator importante: o tempo. Segundo eles, quanto maior o risco e mais longo o prazo de investimento, maior tende a ser o retorno esperado pelo investidor. No entanto, o investimento também tende a tornar-se menos seguro e mais especulativo, uma vez que, no longo prazo, há maior incerteza quanto aos acontecimentos futuros.

Contudo, quais são os riscos de um investimento? Halfeld (2001, p.55-57) sintetiza os tipos de risco conforme Quadro 01.

Quadro 01 - Tipos de riscos presentes nos investimentos

(continua)

Tipo de risco	Conceito
Risco do Negócio	É aquele relacionado diretamente ao negócio investido. De toda forma, as decisões e impactos relacionados ao negócio, podem trazer riscos ao investimento. Este risco é reduzido diversificando a carteira de investimentos.

Quadro 01 - Tipos de riscos presentes nos investimentos

(conclusão)

Tipo de risco	Conceito
Risco do Mercado	Este já é considerado um risco que a diversificação não atende, levando em conta que, em determinados momentos, fatores macroeconômicos podem desestabilizar a economia e os preços flutuam de acordo com a oferta e procura. A exemplo disso, pode-se citar uma recessão econômica, do próprio país e até mesmo de outros países, pois atualmente o mundo está globalizado e as economias conectadas entre si, sendo muitas vezes dependentes uma das outras, escândalos políticos, incidentes ambientais e demais situações que geram grandes impactos, podem ser levadas em consideração para este risco.
Risco de Crédito	É o risco que se corre de o investimento não retornar, de a instituição financeira não conseguir honrar com seus compromissos diante da aplicação realizada pelo investidor. A fim de assegurar o investidor brasileiro, no país, existe o Fundo Garantidor de Crédito (FGC) que delimita um valor, para determinados tipos de ativos, a ser restituído ao investidor no caso de a instituição financeira não conseguir pagá-lo de volta.
Risco de Liquidez	A liquidez envolve o prazo e o custo para transformar um investimento em dinheiro novamente. Diante disso, o dinheiro vivo é o que se tem de mais líquido e um imóvel como uma casa é o oposto, sendo, levando em consideração a dificuldade e tempo relativo para tornar o bem em dinheiro.

Fonte: adaptado de Halfeld (2001, p.55-57).

2.2.2 Liquidez

Segundo Groppelli e Nikbakht (2010, p. 53), “liquidez é importante tanto para um investidor quanto para uma empresa. Liquidez refere-se ao grau de facilidade com que os ativos podem ser convertidos em caixa.” Segundo Zanini e Zanini (apud Pires, 2018), a liquidez refere-se essencialmente à agilidade com que um investimento pode ser transformado em dinheiro disponível para uso.

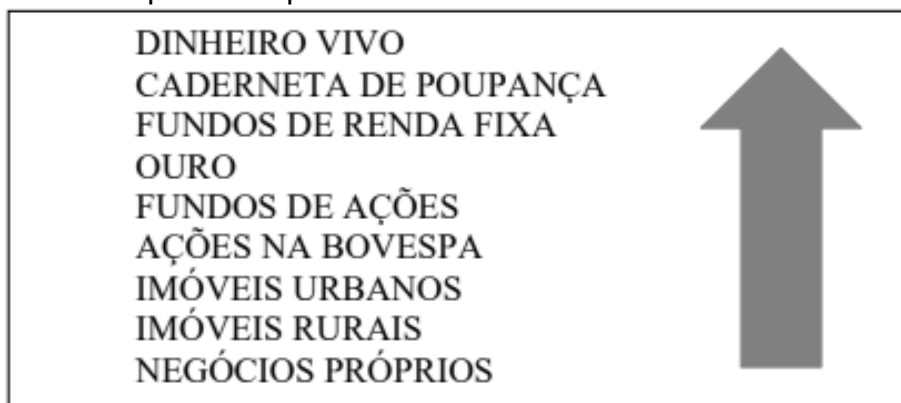
Dessa forma, pode-se considerar que a liquidez está diretamente ligada à facilidade e velocidade com que algo pode ser negociado/vendido, sem que isso

implique em perda significativa de valor. Em outras palavras, quanto mais líquida for a aplicação, maior a chance de o investidor conseguir vendê-la rapidamente pelo preço de mercado.

Por esse motivo, ativos com alta liquidez tendem a ser mais valorizados, pois oferecem maior segurança e flexibilidade ao investidor e, ao mesmo tempo, não costumam ter rentabilidades altas. Em contrapartida, aqueles com baixa liquidez exigem um retorno mais elevado para compensar o risco e a dificuldade de conversão em dinheiro (Vieira; Milach, 2008).

Considerando essa relação entre facilidade/dificuldade de conversão, torna-se útil visualizar como os diferentes ativos se organizam dentro do aspecto de liquidez. Assim, de modo ilustrativo, a Figura 3 – Hierarquia de Liquidez de Ativos – apresenta uma disposição ordenada dos principais tipos de ativos conforme seu potencial de liquidez.

Figura 3 - Hierarquia de Liquidez de Ativos



Fonte: Halfeld (p. 58, 2001)

Conforme ilustrado na Figura 3, os ativos descritos possuem diferentes níveis de liquidez nesta hierarquia. A seta indica que quanto mais alto o item estiver na lista, maior sua capacidade de ser convertido em dinheiro rapidamente e sem perdas significativas de valor. No topo, encontramos o dinheiro em espécie e a caderneta de poupança, que são os mais líquidos, pois seu acesso é imediato enquanto os negócios próprios e imóveis rurais são os menos líquidos. Isso ocorre porque sua venda é um processo complexo, demorado e burocrático, tornando difícil transformá-los em caixa no curto prazo (Halfeld, 2001).

2.2.3 Perfil do Investidor

O perfil do investidor é considerado uma ferramenta fundamental, servindo como um verdadeiro diagnóstico para orientar a seleção de aplicações financeiras adequadas às necessidades de cada indivíduo. Segundo Haubert, Lima e Lima (2014, p. 188), para definir corretamente este perfil, o investidor deve, primeiramente, estabelecer objetivos claros para seus investimentos. Esses objetivos podem ser variados, como a formação de fundos de emergência, metas de previdência ou expansão de capital. Em seguida, é preciso analisar diversas variáveis, incluindo o valor disponível para investir, a rentabilidade esperada e o horizonte de tempo em que o dinheiro será resgatado. Além disso, os autores destacam que é imprescindível avaliar o conhecimento do investidor sobre o ativo, garantindo que ele compreenda onde seus recursos serão aplicados. A diversificação da carteira, por fim, deve ser totalmente consistente com o seu perfil de risco.

A partir dessa autoavaliação, o mercado financeiro classifica os investidores em categorias que indicam o nível de exposição que lhes é adequado. Conforme Rambo (2014), o perfil do investidor é geralmente classificado em três categorias principais: conservador, moderado e arrojado. Essas categorias refletem, essencialmente, diferentes níveis de disposição ao risco. O conservador prioriza a segurança, enquanto o arrojado aceita mais volatilidade em busca de retornos maiores. Essa segmentação, portanto, auxilia na identificação dos produtos financeiros mais compatíveis com os objetivos e a tolerância de cada investidor.

2.2.4 Aprendendo a Investir

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM, 2017) destaca que a educação financeira deve ir além da simples transmissão de conhecimento, buscando promover atitudes e comportamentos que levem a decisões de investimento conscientes e bem informadas. Essa abordagem reforça que aprender a investir não significa apenas compreender produtos e termos técnicos, mas desenvolver uma postura crítica e responsável diante das escolhas financeiras, compreendendo riscos, prazos e objetivos individuais.

Não saber por onde começar pode ser considerado algo comum entre os investidores iniciantes. O primeiro passo consiste em sair da inércia e buscar aprendizado, contudo, aprender depende de uma dedicação extra e envolvimento com o tema, este envolvimento depende necessariamente de atitude. Para iniciar, operacionalmente, é preciso abrir uma conta bancária ou em uma corretora que sirva boas taxas e tenha um bom atendimento, além de pesquisar as condições oferecidas por diferentes instituições financeiras. É fundamental comparar tarifas, buscar transparência nas informações e compreender que cada instituição tende a priorizar produtos que lhe tragam maior rentabilidade (Cerbasi, 2021).

Assim, o investidor deve agir com senso crítico: desconfiar de ofertas excessivamente entusiasmadas, utilizar canais de ouvidoria quando necessário e evitar concentrar recursos em aplicações que ainda não domina. A decisão de investir deve sempre estar apoiada no conhecimento e não apenas na conveniência das recomendações recebidas (Cerbasi, 2021).

Ao investir, é fundamental considerar o prazo de utilização dos recursos e o perfil de risco do investidor. No caso dos jovens, a manutenção de uma postura demasiadamente conservadora, mesmo tendo um longo horizonte temporal, pode limitar o aproveitamento de oportunidades de investimento. Ainda assim, recomenda-se cautela, orientação adequada e acesso a informações de qualidade antes de assumir maiores riscos (Cerbasi, 2021).

2.3 CONHECIMENTO FINANCEIRO ENTRE ACADÊMICOS

Estudos brasileiros recentes apontam que o conhecimento financeiro dos acadêmicos não detém um bom desempenho. Marques *et al.* (2024, p. 143) observaram que alunos de graduação apresentam “baixo desempenho ... em conhecimento financeiro”, destacaram que um aumento nesse conhecimento pode influenciar positivamente o comportamento financeiro dos acadêmicos. De forma mais focada em cursos de engenharia da UFRJ, Abreu *et al.* (2024, p. 1) analisaram os acadêmicos e encontraram uma “lacuna significativa no entendimento aplicado e nas habilidades práticas”, evidenciaram ainda que a instituição de ensino, em seu papel de formação financeira dos acadêmicos, se demonstrou “insuficiente”, sugerindo que a grade curricular não traga apenas base teórica mas também

envolve habilidades práticas e atitudes financeiras que preparem os acadêmicos para enfrentar da melhor forma os desafios desta vertente.

Outro estudo, com 534 universitários da região central do Rio Grande do Sul, demonstrou que os acadêmicos possuem “nível insatisfatório de conhecimento financeiro, culminando em um grau mediano de alfabetização financeira”. Os autores observam ainda que “a alfabetização financeira é influenciada positivamente pelas variáveis formação, ocupação, gênero e renda.”, demonstrando ainda que é possível identificar a deficiência desta área pelas próprias variáveis apresentadas (Potrich; Vieira; Ceretta, 2013).

Essas evidências reforçam, de forma holística, a necessidade de atenção em relação ao tema da educação financeira no nível superior e de políticas públicas específicas. Os trabalhos dos autores mencionados acima, indicam que incorporar conteúdos de finanças pessoais nos currículos das universidades e fortalecer programas de formação contínua são medidas urgentes para elevar o nível de conhecimento financeiro dos acadêmicos. Sem tais ações, os graduandos seguirão pouco preparados para lidar com decisões financeiras complexas, o que pode comprometer seu desempenho econômico futuro. Em sua cartilha de orientação sobre educação financeira para estudantes do nível superior, Silva e Guimarães (2022, p. 16) constata também que os acadêmicos possuem conhecimento básico insuficiente em educação financeira, impactando de forma significativa suas vidas pessoal, acadêmica e profissional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem como propósito apresentar, de maneira sistemática, os procedimentos metodológicos que fundamentam a realização desta pesquisa. Neste, são abordados o delineamento da pesquisa, a definição da população e amostra, os instrumentos utilizados para a coleta das informações, bem como a forma de tratamento e análise dos dados obtidos. A exposição clara desses elementos visa garantir a transparência, e a compreensão da lógica adotada para alcançar os objetivos propostos deste estudo.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2019, p. 55), o delineamento da pesquisa “constitui o modelo para a coleta, análise e interpretação dos dados”. Ainda, segundo o autor, essa estrutura deve ser desenvolvida de forma coerente e lógica, assegurando o tratamento adequado do problema e o alcance dos objetivos da pesquisa.

Conforme o mesmo autor, a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2019, p. 28). Nesse sentido, este trabalho consiste em uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa e procedimento do tipo *survey*, pois “as pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (Gil, 2019, p. 60).

Marconi e Lakatos (2022, p. 295) explicam que “o enfoque quantitativo se volta para a descrição, previsão e explicação, bem como para dados mensuráveis ou observáveis”, o que reforça a adequação dessa abordagem ao objetivo de identificar informações e padrões a partir dos dados coletados. Para isso, o instrumento utilizado de coleta de dados, que pode ser consultado na íntegra no Apêndice A, foi um questionário estruturado. A sua finalidade foi possibilitar a análise e compreensão do objeto de estudo, permitindo caracterizar o perfil dos acadêmicos, identificar seus padrões de comportamento e verificar seu nível de conhecimento sobre investimentos. Para isso, o questionário utilizou perguntas de múltipla escolha para a caracterização do perfil e conhecimento financeiro, e, adicionalmente, uma escala do tipo Likert de 5 pontos para mensurar o comportamento financeiro dos

acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI.

Contudo, para o atingimento dos objetivos deste trabalho, procedeu-se a coleta das informações por meio de questionário estruturado com perguntas fechadas, aplicado de forma *on-line* aos acadêmicos. Sendo este instrumento adequado para a abordagem quantitativa, permitindo uma coleta mais ampla e padronizada. Segundo Santos e Filho (2012, p. 93), “a pergunta é fechada quando o informante tem respostas predeterminadas para fazer a sua escolha”.

3.2 AMOSTRA E POPULAÇÃO

Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 98), “população (ou universo da pesquisa) é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. Com relação à população deste estudo, esta é composta por acadêmicos de diferentes fases do curso de Administração, tanto presencial como ensino a distância (EaD), do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), residentes nos 28 municípios que integram a região do Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina.

No desenvolvimento desta pesquisa, identificaram-se limitações práticas relacionadas ao tempo disponível e à reduzida participação dos acadêmicos, fatores que poderiam comprometer o cronograma e a abrangência da coleta de dados. Assim, tornou-se necessário adotar uma estratégia metodológica que permitisse obter resultados confiáveis e representativos, mesmo diante dessas restrições.

Dessa forma, optou-se pela utilização da amostragem probabilística do tipo aleatória simples, na qual todos os elementos da população possuem a mesma probabilidade de serem selecionados. Segundo Gil (2019, p. 103), “a amostragem aleatória é a que mais se ajusta aos princípios da teoria das probabilidades, e os passos para seleção da amostra podem ser facilmente executados por softwares como o SPSS”. Esse método assegura a representatividade estatística da amostra e permite a generalização dos resultados para toda a população estudada, além de possibilitar análises robustas por meio do software SPSS.

Para operacionalizar o processo, foram utilizados procedimentos estatísticos com o objetivo de selecionar um grupo representativo do universo pesquisado. Os resultados obtidos a partir dessa amostra foram posteriormente extrapolados para a população, considerando-se o nível de confiança de 95% e 5% de margem de erro,

conforme orienta Gil (2017). Nesse sentido, a definição do tamanho da amostra foi estimada estatisticamente, conforme apresentado na Equação 1, com base no método proposto por Martins e Domingues (2019):

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \hat{p} \hat{q} N}{d^2(N - 1) + Z_{\alpha/2}^2 \hat{p} \hat{q}} \quad (1)$$

Onde:

N = tamanho da população;

$Z_{\alpha/2}^2$ = abscissa da distribuição normal padrão;

$\hat{p}$ = estimativa da proporção;

$\hat{q} = 1 - \hat{p}$;

d = erro amostral;

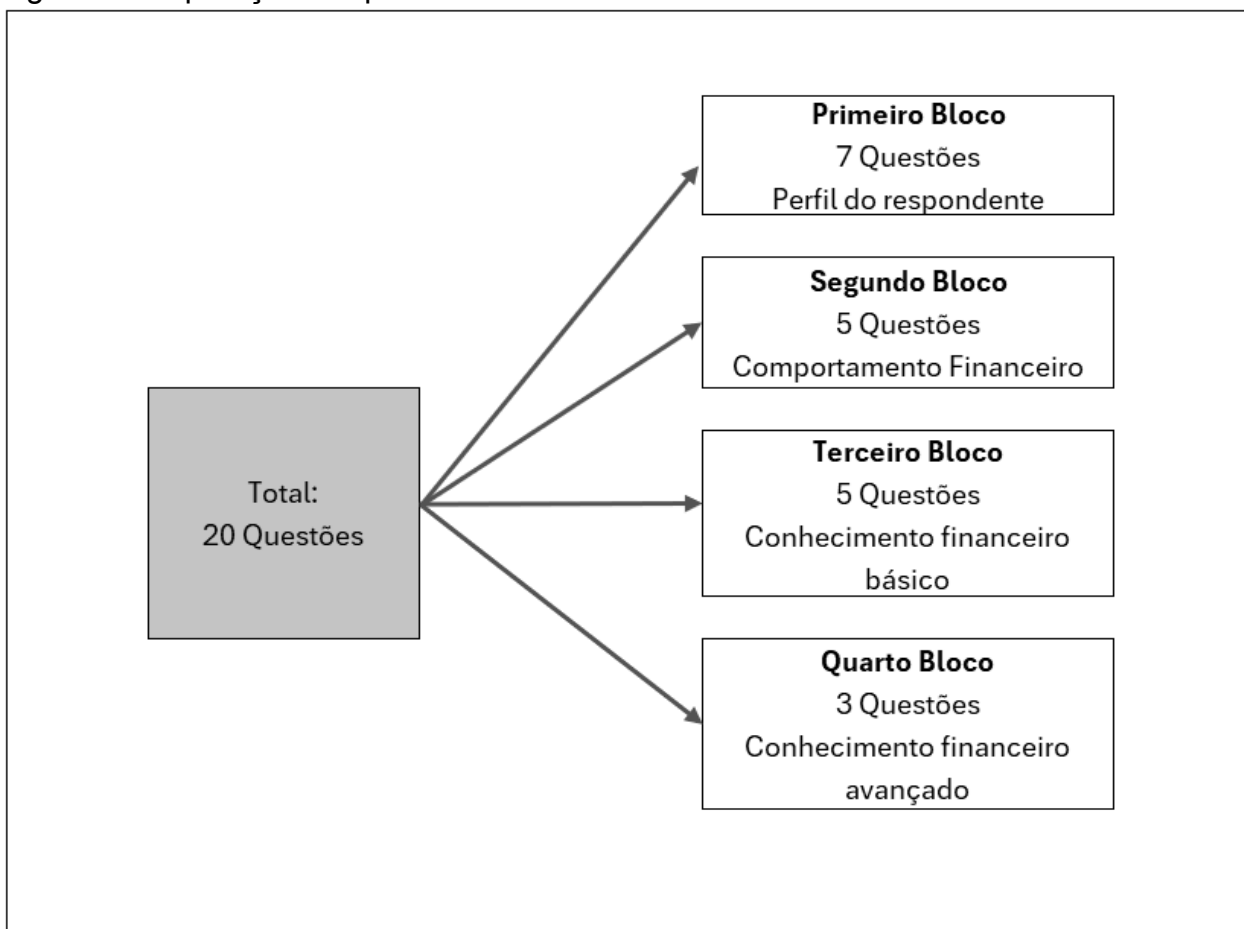
n = tamanho da amostra aleatória a ser selecionada da população.

Em sua totalidade, no momento da pesquisa, havia 379 acadêmicos regularmente matriculados no curso de Administração da universidade. A partir desse total, foi calculado o tamanho da amostra de 192 acadêmicos, elaborado o instrumento de pesquisa e aplicado de forma aleatória aos acadêmicos. Dessa forma, obtiveram-se 195 respostas de acadêmicos de todos os campi da instituição, tanto da modalidade EaD quanto da presencial.

3.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Tratando-se do instrumento de coleta de dados, foi utilizado um formulário estruturado (Apêndice A), aplicado em formato de questionário *on-line* (*Google Forms*) aos acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI. O instrumento foi composto por 20 questões, utilizando perguntas de múltipla escolha para levantar o perfil sociodemográfico (Q1-Q7) e para verificar o conhecimento sobre investimentos financeiros (Q13-Q20). Adicionalmente, foi empregada uma escala do tipo Likert de 5 pontos (variando de "Nunca" a "Sempre") para mensurar os padrões de comportamento financeiro (Q8-Q12), conforme representado na Figura 4 abaixo.

Figura 4 - Separação do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

As questões Q13 e Q14, consideradas básicas, foram elaboradas com base nas “*Big Three*”, de Lusardi e Mitchell, da Wharton School, Universidade da Pensilvânia (EUA), e a Q20, considerada avançada, foi elaborada com base nas “*Big Five*”, também das mesmas autoras. As demais questões foram construídas pelo autor, complementando o questionário para alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

Após isso, o questionário foi aplicado de forma aleatória, por meio do envio aos e-mails institucionais dos acadêmicos, utilizando cópia oculta para preservar a individualidade da pesquisa. Também foi encaminhado nos grupos de *WhatsApp* para ampliar o número de respostas, uma vez que esse meio de comunicação é amplamente utilizado. Além disso, manteve-se o anonimato da pesquisa, em conformidade com a LGPD, não sendo coletados o endereço de e-mail dos respondentes nem quaisquer dados pessoais que permitissem sua identificação.

Como técnicas de análise foi utilizada a estatística descritiva, utilizaram-se frequência e percentual para identificar as principais tendências das respostas. Para aprofundar a interpretação dos dados, também foi aplicado o teste Qui-quadrado de Pearson por meio do *software* IBM® SPSS. Conforme explicado por Field (2009), o teste Qui-quadrado de Pearson permite avaliar se duas variáveis categóricas apresentam algum tipo de relação, a partir da comparação entre as frequências observadas e aquelas que seriam esperadas caso não houvesse vínculo entre elas. Assim, resultados com significância abaixo de 0,05 indicam evidências suficientes para descartar a ideia de independência, sugerindo a existência de associação entre as variáveis analisadas.

3.3 LIMITAÇÕES

Ao decorrer da evolução deste estudo foi possível identificar pontos limitantes de forma mais clara, tornando-se necessário considerar que na coleta de dados houve baixa participação de acadêmicos da modalidade EaD, por exemplo, reduzindo a representatividade deste grupo. Além disso, os dados coletados dos respondentes foram autodeclarados, podendo haver vieses de percepção ou variações na dedicação ao responder o questionário.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo dedica-se à apresentação e análise dos dados coletados por meio do questionário on-line (conforme Apêndice A), aplicado a 195 acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI. Os resultados são apresentados em três seções principais, correspondentes aos objetivos específicos deste trabalho: Perfil dos Respondentes; Análise do Comportamento Financeiro; e Análise do Nível de Conhecimento sobre Investimentos Financeiros, seguidamente apresenta-se a análise de teste qui-quadrado.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

A primeira etapa da análise visou caracterizar o perfil dos participantes da pesquisa de acordo com o primeiro objetivo específico do estudo. Foram coletadas informações sociodemográficas (idade, gênero, modalidade do curso, residência e semestre) e de perfil (renda mensal e perfil de investidor). A Tabela 2 consolida os dados de caracterização da amostra.

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos respondentes

(continua)

Variável	Opção	Frequência	Percentual
Idade (Q1)	18 a 25 anos	177	90,77%
	26 a 33 anos	8	4,09%
	34 a 41 anos	7	3,59%
	42 a 49 anos	3	1,55%
Gênero (Q2)	Masculino	89	45,64%
	Feminino	106	54,36%
Com qual dos perfis de investidor abaixo você mais se identifica? (Q3)	Perfil 1: Possuo baixa tolerância ao risco e priorizo investimentos com liquidez, mesmo que o retorno seja menor.	90	46,15%

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos respondentes

(continua)

Variável	Opção	Frequência	Percentual
	Perfil 2: Tenho média tolerância ao risco e busco preservar meu capital no longo prazo, aceitando aplicar parte dos recursos em investimentos de maior risc	91	46,67%
	Perfil 3: Tenho alta tolerância ao risco e aceito potenciais perdas em busca de maiores retornos.	14	7,18%
Modalidade (Q4)	Presencial	173	88,72%
	Ead	22	11,28%
Qual cidade do Alto Vale do Itajaí que reside? (Q5)	Agrolândia	5	2,56%
	Agronômica	1	0,51%
	Atalanta	1	0,51%
	Aurora	2	1,03%
	Braço do Trombudo	1	0,51%
	Chapadão do Lageado	1	0,51%
	Dona Emma	3	1,54%
	Ibirama	9	4,62%
	Imbuia	1	0,51%
	Ituporanga	12	6,15%
	José Boiteux	2	1,03%
	Laurentino	3	1,54%
	Lontras	7	3,59%
	Mirim Doce	2	1,03%
	Pouso Redondo	21	10,77%
	Presidente Getúlio	17	8,72%
	Presidente Nereu	1	0,51%
	Rio do Campo	2	1,03%
	Rio do Oeste	11	5,64%

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos respondentes

Variável	Opção	Frequência	(conclusão)
			Percentual
	Rio do Sul	65	33,33%
	Salete	12	6,15%
	Santa Terezinha	1	0,51%
	Taió	8	4,1%
	Trombudo Central	2	1,03%
	Vidal Ramos	2	1,03%
	Witmarsum	3	1,54%
Semestre (Q6)	1	4	2,05%
	2	68	34,87%
	3	1	0,51%
	4	37	18,97%
	6	42	21,54%
	8	43	22,06%
Rendimento mensal pessoal aproximado (R\$) (Q7)	Não tenho renda	5	2,56%
	Até R\$ 1.518	12	6,15%
	R\$ 1.519 – R\$ 3.036	90	46,15%
	R\$ 3.037 – R\$ 6.072	75	38,46%
	Acima de R\$ 6.073	13	6,68%
Reserva de Emergência (Q15)	Não possuo	36	18,46%
	Possuo	159	81,54%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 1, as características sociodemográficas e acadêmicas da tabela acima, evidenciam informações importantes sobre o perfil dos acadêmicos do curso de administração da UNIDAVI. A predominância de acadêmicos na faixa de 18 a 25 anos (90,77%) demonstra a concentração de participantes jovens, enquanto o grupo menos representativo pertence ao segmento de 42 a 49 anos (1,55%). Pela ótica do gênero mostra-se uma leve predominância do público feminino (54,36%) sobre o masculino (45,64%).

Na modalidade de ensino destaca-se que, a maioria dos participantes são da modalidade presencial (88,72%), enquanto uma parcela menor (11,28%) corresponde à modalidade EaD. A distribuição geográfica evidencia que grande parte dos acadêmicos residem na cidade sede da instituição (Rio do Sul), somando 33,33% dos respondentes, seguido por Pouso Redondo (10,77%), dos 28 municípios do Alto Vale do Itajaí, 26 tiveram participação (92,86%), sendo apenas Petrolândia e Vitor Meireles que não obtiveram respondentes.

Considerando o semestre de graduação, observa-se maior concentração de acadêmicos no 2º semestre e no 8º. O 2º semestre apresenta o maior número de respondentes (34,87%), seguido pelo 8º semestre (22,06%) e 6º semestre (21,54%). Os grupos menos expressivos correspondem aos acadêmicos do 1º semestre (2,05%) e 3º semestre (0,51%). Essa distribuição evidencia que há predominância tanto de acadêmicos em início de curso quanto de concluintes.

Com relação ao rendimento mensal pessoal, a maior parcela dos respondentes possui renda entre R\$ 1.519 e R\$ 3.036 (46,15%), e o grupo menos expressivo com (6,68%) possui renda superior a R\$ 6.073.

Quanto à reserva de emergência, a maioria dos participantes (81,54%) afirmou possuir, enquanto 18,46% indicaram não ter esse tipo de proteção financeira, demonstrando que a maioria detém este preparo. Apesar de a maioria dos acadêmicos afirmar possuir uma reserva de emergência, esse dado não se mantém consistente com os resultados referentes ao hábito de investimento regular. Conforme os dados de comportamento financeiro, apenas 47,18% dos respondentes investem frequentemente ou sempre parte da renda, 27,18% às vezes e 25,64% raramente ou nunca o fazem. Isso indica que, embora muitos mantenham uma reserva de emergência, 52,82% não apresentam o hábito de investir regularmente.

4.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

Para averiguar os padrões de comportamento sobre finanças pessoais (Objetivo Específico 2), analisou-se a frequência com que os acadêmicos realizam determinadas ações. As respostas foram mensuradas pela escala de Likert de 5 pontos (1 = Nunca; 2 = Raramente; 3 = Às vezes; 4 = Frequentemente; 5 = Sempre), conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Comportamento financeiro

Variável	Escala de Likert	Frequência	Percentual
Procuro informações sobre como e onde investir meu dinheiro. (Q8)	1 - Nunca	7	3,59%
	2 - Raramente	20	10,26%
	3 - Às vezes	72	36,92%
	4 - Frequentemente	46	23,59%
	5 - Sempre	50	25,64%
Invisto regularmente parte da minha renda. (Q9)	1 - Nunca	14	7,18%
	2 - Raramente	36	18,46%
	3 - Às vezes	53	27,18%
	4 - Frequentemente	39	20,00%
	5 - Sempre	53	27,18%
Prefiro investir em algo seguro, mesmo que o rendimento seja menor. (Q10)	1 - Nunca	4	2,05%
	2 - Raramente	10	5,13%
	3 - Às vezes	56	28,72%
	4 - Frequentemente	63	32,31%
	5 - Sempre	62	31,79%
Acredito que investir é importante para alcançar objetivos de longo prazo. (Q11)	1 - Nunca	1	0,51%
	2 - Raramente	18	9,23%
	4 - Frequentemente	29	14,87%
	5 - Sempre	147	75,38%
Sinto-me confiante para escolher um investimento sozinho(a). (Q12)	1 - Nunca	18	9,23%
	2 - Raramente	43	22,05%
	3 - Às vezes	69	35,38%
	4 - Frequentemente	40	20,51%
	5 - Sempre	25	12,82%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

De acordo com os dados da Tabela 2, percebe-se que o comportamento financeiro dos acadêmicos apresenta variações evidenciadas pela composição da escala Likert.

No que se refere à busca por informações sobre como e onde investir o

dinheiro (Q8), observa-se que a maior parcela dos respondentes consulta informações às vezes (36,92%), enquanto o comportamento menos frequente é o de nunca procurar essas informações (3,59%). Verifica-se, portanto, que há interesse moderado entre os acadêmicos em se informar sobre investimentos, embora esse comportamento não seja predominantemente constante por parte deles.

Quanto ao hábito de investir regularmente parte da renda (Q9), nota-se que a prática de sempre investir não é predominante, representando 27,18% dos respondentes, sendo o mesmo percentual daqueles que investem às vezes. Por outro lado, 7,18% afirmaram nunca investir parte da renda e 18,46% raramente, indicando que, mesmo a prática de investir regularmente parte da renda esteja presente entre os acadêmicos, ainda há uma parcela considerável que não adota esse hábito.

Em relação à preferência por investimentos seguros em detrimento de um rendimento menor (Q10), verifica-se que boa parte dos acadêmicos sempre (31,79%) ou frequentemente (32,31%) adotam essa postura, evidenciando um comportamento conservador e baixa tolerância ao risco. Em contrapartida, apenas 2,05% nunca ou raramente (5,13%) preferem investimentos seguros, sugerindo que a busca por segurança financeira predomina entre os acadêmicos de administração da universidade.

Sobre a percepção de que investir é importante para alcançar objetivos de longo prazo (Q11), observa-se que expressivos 75,38% dos respondentes sempre concordam com essa afirmação, representando o maior percentual entre todas as questões analisadas sobre o comportamento financeiro. Evidenciando um consenso sobre a relevância dos investimentos para o alcance de objetivos de longo prazo.

No que diz respeito ao sentimento de confiança para escolher um investimento sozinho (Q12), verifica-se que dois terços dos acadêmicos (66,66%) sentem-se confiantes no máximo às vezes, sendo que apenas 20,51 frequentemente ou 12,82% sempre se sentem confiantes para investir de forma autônoma, ou seja (33,33%). Esses dados revelam que há insegurança significativa entre os acadêmicos ao aplicar esse conhecimento de forma independente.

De modo geral, percebe-se que os acadêmicos reconhecem a importância dos investimentos para o planejamento financeiro de longo prazo e demonstram interesse em buscar informações sobre o tema, ainda que de forma não constante. Contudo, verifica-se um comportamento predominantemente conservador,

caracterizado pela preferência por segurança em detrimento de maiores retornos, o que pode estar relacionado à baixa tolerância ao risco e à insegurança significativa demonstrada por dois terços dos respondentes ao tomar decisões de investimento sozinhos. Esses resultados sugerem que, embora haja consciência sobre a relevância dos investimentos a longo prazo, ainda existem lacunas importantes relacionadas à confiança e à aplicação prática do conhecimento financeiro, evidenciando a necessidade de maior aprofundamento destes conceitos a fim de auxiliar os acadêmicos a desenvolverem autonomia e segurança nas escolhas relacionadas a investimentos, mitigando estas dificuldades.

4.3 CONHECIMENTO FINANCEIRO BÁSICO

Para identificar as lacunas e oportunidades de melhoria no entendimento de conceitos financeiros (Objetivo Específico 3), foi aplicada uma prova de conhecimento em algumas questões. A Tabela 3 apresenta o percentual de acertos para cada questão.

Tabela 3 – Conhecimento financeiro básico

(continua)

Variável	Opção	Frequência	Percentual
Imagine que você tem R\$100,00 em uma conta poupança e a taxa de juros é de 10% ao ano. Após 5 anos, quanto dinheiro você terá nessa conta?(Q13)	Exatamente R\$150,00	26	13,33%
	Mais de R\$150,00 ¹	133	68,21%
	Menos de R\$150,00	10	5,13%
	Não sei	26	13,33%
Imagine que a taxa de juros da sua poupança é de 6% ao ano e a taxa de inflação é de 10% ao ano. Após 1 ano, quanto você poderá comprar com o dinheiro dessa conta?(Q14)	Exatamente o mesmo	5	2,56%
	Mais do que hoje	22	11,28%
	Menos do que hoje ¹	119	61,03%
	Não sei	49	25,13%
Em geral, investimentos com maior retorno esperado costumam ter (Q16)	Maior risco ¹	161	82,56%
	Menor risco	17	8,72%
	Nenhuma relação com risco	4	2,05%
	Não sei	13	6,67%

Tabela 3 – Conhecimento financeiro básico

Variável	Opção	Frequência	(conclusão)
			Percentual
"Liquidez" refere-se melhor a: (Q17)	Quanto o ativo rendeu historicamente	50	25,64%
	Facilidade/rapidez de transformar o ativo em dinheiro ¹	121	62,05%
	Garantia do governo para o ativo	1	0,52%
	Não sei	23	11,79%

Nota: ¹ são as respostas corretas.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 3, percebe-se que o conhecimento básico dos acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI varia significativamente entre as questões. De modo geral, verifica-se que parte expressiva dos respondentes demonstra compreensão adequada de alguns conceitos fundamentais, enquanto outras questões ainda demonstram incerteza ou dificuldade de interpretação.

Na primeira questão da tabela, referente aos juros compostos (Q13), observa-se que 68,21% dos acadêmicos marcaram a alternativa correta (mais de R\$150,00). Ao mesmo tempo, analisa-se que 13,33% indicam não saber a resposta, e outros 13,33% acreditam que o valor seria exatamente R\$150,00, sugerindo possível confusão entre juros simples e compostos.

Quanto à inflação (Q14), um percentual de 61,03% dos respondentes informaram corretamente que o poder de compra diminuiria após um ano. No entanto, nota-se que esta questão apresenta o maior índice de indecisão entre as outras da mesma seção, com 25,13% marcando “não sei”. Esse resultado evidencia que, embora boa parte compreenda o efeito da inflação, uma parcela expressiva parece não possuir clareza sobre o conceito.

Sequencialmente, a (Q15) no formulário *on-line* aparecia inserida nesta seção, em função de melhor disposição e lógica para análise da mesma foi avaliada juntamente às primeiras questões de caracterização do perfil dos respondentes. Já quanto ao conceito de risco e retorno (Q16), percebe-se o maior índice de acertos entre todas as questões básicas chegando a 82,56% reconhecendo que

investimentos com maior retorno esperado costumam ter maior risco. Esse resultado indica que esse conceito está relativamente bem assimilado pelos acadêmicos, possivelmente por ser um tema frequentemente discutido em disciplinas e conteúdos introdutórios de investimentos.

No que se refere ao conceito de liquidez (Q17), analisa-se que 62,05% marcaram a alternativa correta (facilidade/rapidez de transformar o ativo em dinheiro). Contudo, observa-se também que 25,64% confundem liquidez com rentabilidade histórica. Além disso, 11,79% afirmam não saber ao que melhor se refere o conceito.

De modo geral, verificam-se dois extremos, sendo o maior acerto relacionado à compreensão da relação risco-retorno (82,56%) e a maior dificuldade observada no impacto da inflação (25,13% marcaram “não sei”), de modo que, a conjuntura, ou seja, as quatro questões, verifica-se que os acadêmicos demonstram domínio básico sobre os conceitos avaliados, contudo percebe-se lacunas em conteúdos que exigem interpretação numérica, sugerindo que o conhecimento financeiro básico está presente, porém não de forma predominantemente alta.

4.4 CONHECIMENTO FINANCEIRO AVANÇADO

De forma semelhante da tabela anterior, foi aplicada também uma prova de conhecimento, desta vez com questões relativamente mais avançadas. Sendo assim, a Tabela 4 apresenta o percentual de acertos para cada questão.

Tabela 4 – Conhecimento financeiro avançado

(continua)			
Variável	Opção	Frequência	Percentual
Quando um investidor diversifica, seus investimentos são distribuídos entre diferentes ativos. O risco de perder dinheiro: (Q18)	Aumenta	30	15,38%
	Diminui ¹	128	65,64%
	Permanece o mesmo	13	6,67%
	Não sei	24	12,31%
Qual das afirmações está correta? (Q19)	Ao investir em fundos de investimento, não é possível retirar o dinheiro no primeiro ano	5	2,56%

Tabela 4 – Conhecimento financeiro avançado

Variável	Opção	Frequência	(conclusão) Percentual
	Fundos de investimento pagam taxas de retorno garantidas que dependem do desempenho passado	19	9,74%
	Nenhuma das alternativas	7	3,59%
	Não sei	59	30,26%
Comprar ações de apenas uma empresa é menos arriscado do que comprar ações de muitas empresas juntas (por exemplo por meio de um fundo). (Q20)	Verdadeiro	28	14,36%
	Falso ¹	130	66,67%
	Não sei	37	18,97%

Nota: ¹ são as respostas corretas.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

A partir dos resultados apresentados na Tabela 4, percebe-se que o desempenho dos acadêmicos nas questões de conhecimento financeiro avançado varia de forma significativa. Em relação à diversificação (Q18), 65,64% dos respondentes selecionaram a alternativa correta. Por outro lado, analisa-se que o menor percentual de acertos aparece na questão sobre fundos de investimento (Q19), em que apenas 53,85% identificaram corretamente que esses fundos podem aplicar em diferentes tipos de ativos. Nesta mesma questão, observa-se também o maior índice de estudantes que marcaram “não sei” (30,26%), sugerindo maior incerteza ou menor familiaridade com o assunto. Ao analisar a questão sobre risco de comprar ações de apenas uma empresa ou de múltiplas (Q20), nota-se que 66,67% dos acadêmicos identificaram corretamente que comprar ações de apenas uma empresa é mais arriscado do que diversificar. Ainda assim, verifica-se que 18,97% declararam não saber a resposta.

Dessa forma, constata-se que os maiores acertos aparecem nas questões conceituais de diversificação e risco, enquanto a maior dificuldade surge no tema de fundos de investimento, sendo o conteúdo em que identifica-se tanto o menor percentual de acertos (53,85%) quanto o maior número de respostas “não sei” (30,26%) de todas as questões desse formato.

Ao comparar o desempenho dos acadêmicos nas questões de conhecimento básico e avançado, percebe-se que os mesmos demonstram maior segurança nos

conteúdos fundamentais. Temas como risco e retorno (82,56% de acertos) e juros compostos (68,21% de acertos) apresentam resultados mais elevados.

Nas questões avançadas observa-se maior variação nos acertos, que ficam entre 53,85% e 66,67%, além de um aumento nas respostas “não sei”, especialmente sobre fundos de investimento (30,26%). Isso sugere que os conteúdos aplicados ainda geram maior incerteza entre os acadêmicos.

De maneira geral, observa-se que o conhecimento básico, entre os acadêmicos, está mais bem estabelecido, enquanto o avançado ainda apresenta, de forma relevante, um percentual maior de erros e incerteza.

4.5 RESULTADOS DE ASSOCIAÇÃO ENTRE VARIÁVEIS

Para esta etapa da análise, buscou-se verificar se o perfil de investidor dos acadêmicos apresenta alguma relação com variáveis como conhecimento sobre liquidez, fundos de investimento e renda. O perfil foi considerado como variável dependente, enquanto as demais foram tratadas como independentes, permitindo analisar como cada grupo se distribui nessas categorias. A verificação das possíveis associações foi realizada por meio do teste Qui-quadrado de Pearson.

Na íntegra, as descrições das variáveis de cada perfil, utilizadas no questionário, são: Perfil 1, descrito como “Possuo baixa tolerância ao risco e priorizo investimentos com liquidez, mesmo que o retorno seja menor”; Perfil 2, definido como “Tenho média tolerância ao risco e busco preservar meu capital no longo prazo, aceitando aplicar parte dos recursos em investimentos de maior risco”; e Perfil 3, apresentado como “Tenho alta tolerância ao risco e aceito potenciais perdas em busca de maiores retornos”. Nas tabelas seguintes, esses perfis serão apresentados apenas de forma resumida, a fim de facilitar a visualização dos dados.

Tabela 5 – Associação do perfil com o conhecimento do conceito de liquidez.

Alternativas	Perfil 1		Perfil 2		Perfil 3		Teste qui-quadrado
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	
Quanto o ativo rendeu historicamente	29	32,2%	20	22,0%	1	7,1%	18,520 ^a [0,005]*
Facilidade/rapidéz de transformar o ativo em dinheiro ¹	50	55,6%	60	65,9%	11	78,6%	
Garantia do governo para o ativo	0	0,0%	0	0,0%	1	7,1%	
Não sei	11	12,2%	11	12,1%	1	7,1%	

Nota: *p < 0,05; ¹ são as respostas corretas.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Verifica-se, na tabela 5, a existência de associação significativa entre as variáveis revelando uma aparente desarmonia no Perfil 1 (baixa tolerância ao risco), que é definido como aquele que "prioriza investimentos com liquidez", tende a ser o grupo que demonstra o menor índice de compreensão correta do conceito (55,6%). Além disso, apresenta a maior taxa (32,2%) de confusão entre os conceitos de liquidez e rentabilidade. O Perfil 2 (média tolerância ao risco) apresenta um índice maior de acerto à respeito do conceito (65,9%) em comparação com o Perfil 1, e detém um menor percentual de confusão entre liquidez e rentabilidade (22,0%). O Perfil 3, por sua vez, com maior tolerância ao risco em detrimento de maiores retornos, apresenta o maior nível de acerto (78,6%). Dessa forma, quanto maior o perfil autoavaliado pelo próprio acadêmico maior é sua compreensão do conceito de liquidez.

Tabela 6 – Associação do perfil com conhecimento sobre fundos de investimento.

Alternativas	Perfil 1		Perfil 2		Perfil 3		Teste qui-quadrado
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	19,682 ^a [0,012]*
Ao investir em fundos de investimento, não é possível retirar o dinheiro no primeiro ano	2	2,2%	3	3,3%	0	0,0%	
Fundos de investimento pagam taxas de retorno garantidas que dependem do desempenho passado	9	10,0%	8	8,8%	2	14,3%	
Fundos de investimento podem aplicar em diversos ativos, como ações e títulos ¹	39	43,3%	55	60,4%	11	78,6%	
Nenhuma das alternativas	1	1,1%	6	6,6%	0	0,0%	
Não sei	39	43,3%	19	20,9%	1	7,1%	

Nota: *p < 0,05; ¹ são as respostas corretas.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

O teste qui-quadrado confirmou associação significativa entre as variáveis, confirmando-se a significância estatística conforme os resultados da tabela 6, existindo significância, também, conforme a tabela 7.

Dessa forma, confirmando a associação de significância das variáveis de perfil e conhecimento sobre fundos de investimento. Detalhadamente, a alternativa correta, destacada na tabela 7, foi identificada com maior facilidade pelos perfis que apresentam maior tolerância ao risco (Perfil 2 e 3). Enquanto apenas 43,3% dos respondentes do Perfil 1 marcaram a alternativa correta, o percentual sobe para 60,4% no Perfil 2 e para 78,6% no Perfil 3. Ao ponto que, quanto maior o perfil autoavaliado maior o percentual de acerto, inversamente, quanto menor o perfil maior o percentual de incerteza, ou seja, para o Perfil 1, quase metade (43,3%) não

souberam responder, no Perfil 2 diminui para 20,9% esta incerteza e no Perfil 3 um único respondente deste perfil não soube informar a alternativa correta, sendo 7,1%.

Tabela 7 – Associação entre perfil e renda.

Alternativas	Perfil 1		Perfil 2		Perfil 3		Teste qui-quadrado
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	
Não tenho renda	1	1,10%	3	3,3%	1	7,1%	19,420 ^a [0,013]*
Até R\$ 1.518	6	6,70%	6	6,6%	0	0,0%	
R\$ 1.519 – R\$ 3.036	45	50,00%	41	45,1%	4	28,6%	
R\$ 3.037 – R\$ 6.072	37	41,10%	33	36,3%	5	35,7%	
Acima de R\$ 6.073	1	1,10%	8	8,8%	4	28,6%	

Nota: *p < 0,05; ¹ são as respostas corretas.

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Nota-se, conforme Tabela 7, que indivíduos com maior tolerância ao risco apresentam maior concentração nas faixas de renda mais elevadas, enquanto os perfis com menor tolerância distribuem-se predominantemente nas faixas intermediárias. No Perfil 1, observa-se que a maioria se concentra nas rendas intermediárias, 50,0% recebem entre R\$ 1.519 e R\$ 3.037, e 41,1% estão na faixa de R\$ 3.037 a R\$ 6.073. O Perfil 2, apresenta distribuição semelhante, com 45,1% dos respondentes situados entre R\$ 1.519 e R\$ 3.037 e 36,3% entre R\$ 3.037 e R\$ 6.073, reforçando o predomínio de rendas intermediárias. Já o Perfil 3, caracterizado por alta tolerância ao risco, distingue-se dos demais: 28,6% possuem renda superior a R\$ 6.073, e 35,7% encontram-se na faixa de R\$ 3.037 a R\$ 6.073, evidenciando maior presença de rendas mais elevadas nesse perfil. Assim, os dados sugerem que níveis mais altos de renda tendem a estar associados a maior tolerância ao risco, enquanto rendas intermediárias predominam entre os perfis mais conservadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o nível de conhecimento financeiro entre os acadêmicos do curso de Administração da UNIDAVI - Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, tema que se mostra cada vez mais relevante diante do cenário econômico contemporâneo e cada vez mais importante na vida pessoal e profissional do acadêmico, no qual é impactado nas duas esferas de forma direta diante das suas decisões.

O estudo justifica-se pela constatação de que os universitários ainda enfrentam dificuldades ao lidar com investimentos, seja pela falta de conhecimento dos conceitos, pela baixa confiança para decisões autônomas ou pela ausência de práticas consistentes. Assim, compreender o perfil, o comportamento financeiro e o conhecimento dos acadêmicos contribui para identificar lacunas e apoiar a formação de profissionais mais preparados.

Conforme os objetivos propostos, buscou-se caracterizar o perfil dos respondentes e averiguar padrões de comportamento financeiro e principais dificuldades sobre finanças pessoais, identificar lacunas e oportunidades de melhoria no entendimento de conceitos financeiros e práticas de investimento dos acadêmicos.

Quanto ao comportamento financeiro, os resultados evidenciaram que os acadêmicos demonstram interesse moderado em buscar informações sobre investimentos e reconhecem amplamente a importância de investir para o alcance de objetivos de longo prazo. Entretanto, observa-se que esse reconhecimento não se traduz de forma positiva no hábito de investir regularmente, não sendo este predominante. Além disso, verificou-se um comportamento propenso ao conservadorismo, marcado pela preferência por segurança em detrimento de maiores retornos, somado a um nível elevado de insegurança para tomar decisões de investimento de forma autônoma.

Além disso, as análises de associação mostraram que o perfil de investidor mantém relação principalmente com o conhecimento sobre liquidez, com o conhecimento sobre fundos de investimento e com a renda dos acadêmicos. Percebe-se que os perfis mais tolerantes ao risco tendem a apresentar maior compreensão desses conceitos, especialmente no caso dos fundos de investimento, enquanto os perfis mais conservadores concentram maior proporção de erros e

respostas “não sei”. Verifica-se também que acadêmicos com maior tolerância ao risco detêm faixas de renda mais elevadas, ao passo que os perfis de baixa e média tolerância ao risco se concentram mais nas faixas intermediárias de renda. Esses padrões sugerem que tanto o nível de conhecimento financeiro quanto a condição econômica exercem influência no modo como os acadêmicos classificam-se em termos de tolerância ao risco.

De forma a contribuir com a comunidade acadêmica e para a sociedade, os resultados podem auxiliar tanto instituições de ensino que precedem a educação financeira dos jovens antes de ingressarem na universidade como a própria universidade (UNIDAVI), considerando que os acadêmicos, tendem a lidar com o tema no cotidiano, tanto de forma pessoal quanto profissional.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se incluir acadêmicos de outros cursos e explorar análises qualitativas sobre comportamentos financeiros, incluindo o interesse pelo tema, autoconfiança e tomada de decisão. Também seria relevante desenvolver pesquisas que formem um histórico, permitindo acompanhar a evolução do conhecimento financeiro ao longo do tempo na instituição de ensino observada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Chrystiane; DELFINO, Gabriel Mattza; ARAUJO, Fernando Oliveira de. Alfabetização financeira no ensino superior: uma análise do nível de conhecimento de alunos e a contribuição da instituição. **Ciência & Educação (Bauru)**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 1-16, abr. 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320240029>.

ANDRATTA, Anna Paula; PIGOSSO, Denise; BADIA, Maurício; SCHVIRCK, Eliandro. **Alternativas de investimentos para pessoa física: mercado financeiro brasileiro**. 2009. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/ecap/article/view/11162/6745>. Acesso em: 07 jun. 2025.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Measuring Financial Literacy: results of the oecd / international network on financial education (infe) pilot study**. [S. L.]: Oecd Working Papers On Finance, Insurance And Private Pensions No. 15, 2012. 73 p. Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2012/03/measuring-financial-literacy_g17a210b/5k9csfs90fr4-en.pdf. Acesso em: 04 jun. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cuidando do seu dinheiro: gestão de finanças pessoais**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2020. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 06 jun. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de cidadania financeira 2021**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2021. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/rif/relatorio_de_cidadania_financeira_2021.pdf. Acesso em: 07 out. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **A Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef)**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/PORT/enef.asp?frame=1>. Acesso em: 20 maio 2025.

BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan. **Fundamentos de Investimentos**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. E-book. p.2. ISBN 9788580553789. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788580553789/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

CERBASI, Gustavo. **Cartas a um jovem investidor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). **Educação financeira para além do conhecimento: estratégias de intervenção no comportamento de poupança**. Brasília: CVM, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/cvm/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos/estudo-cvm-educacao-financeira-para-alem-do-conhecimento-setembro-2017/view>. Acesso em:

31 out. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Revista Brasileira de Contabilidade, edição especial**, n. 257, set./out. 2022. Disponível em: https://cfc.org.br/wp-content/uploads/2022/10/RBC257_set_out_ESP_web.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

FIELD, A. N. D. Y. Spss. **Discovering statistics using SPSS**. 2nd ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2019. E-book. p.55. ISBN 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597020991/>. Acesso em: 04 mai. 2025.

GROPPELLI, A. A.; NIKBAKTH, Ehsan. **Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. 496 p.

HAUBERT, Fabricio Luis Colognese; LIMA, Carlos Rogerio Montenegro de; LIMA, Marcus Vinicius Andrade de. Finanças Comportamentais: uma investigação com base na teoria do prospecto e no perfil do investidor de estudantes de cursos stricto sensu portugueses. **Revista de Ciências da Administração**, [S.L.], p. 183-195, 14 abr. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n38p183>.

HALFELD, Mauro. **INVESTIMENTOS: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2001.

HUSTON, Sandra J.. **Measuring Financial Literacy**. [S. L.]: The Journal Of Consumer Affairs, 2010. 44 v. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x#b40>. Acesso em: 04 jun. 2025.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia. **THE BIG THREE AND BIG FIVE**. Disponível em: <https://gflec.org/education/questions-that-indicate-financial-literacy/>. Acesso em: 20 out. 2025.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.295. ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/>. Acesso em: 11 mai. 2025.

MARQUES, Natan de Souza; FARIA, Aline Mariane de; BASTOS, Felipe José dos Santos; PINTO, Victor Henrique Lana. **Conhecimento Financeiro em Estudantes de Graduação: impactos no comportamento financeiro e implicações para a educação superior**. Administração: Ensino e Pesquisa, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 141-168, 28 jan. 2024. ANGRAD. <http://dx.doi.org/10.13058/raep.2023.v24n3.2430>.

MARTINS, G. DE A.; DOMINGUES, O. **Estatística geral e aplicada**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MEGLIORINI, Evandir; VALLIM, Marco Aurélio. **Administração Financeira: uma abordagem brasileira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. 251 p.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis online**. São Paulo: Melhoramentos, 2025.

Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=investimento>. Acesso em: 06 jun. 2025.

OCDE. Recomendação do Conselho sobre alfabetização financeira. 2020.

Disponível em:

<https://legalinstruments.oecd.org/api/download/?uri=/public/3fa1d4e1-e147-46f4-83bc-d9d6615e066d.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PIOVESAN, Jaine Ionara; SCHMITZ, Leonardo Rafael; BRAUM, Loreni Maria dos Santos. Alfabetização financeira: análise da estrutura da produção científica. **Ágora: revista de divulgação científica**, [S.L.], v. 29, p. 1-34, 13 mar. 2024. Universidade do Contestado - UnC. <http://dx.doi.org/10.24302/agora.v29.3566>.

PIRES, Diniz Braga. **ASSESSOR DE INVESTIMENTOS E GERENTE DE BANCO: um estudo sobre as práticas para alocar uma carteira de renda fixa de pessoa física**. 2018. 138 f. Monografia (Especialização) - Curso de Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Ciências Econômicas Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre, 2018.

PIRES, Valdemir. **Finanças Pessoais: fundamentos e dicas**. São Paulo: Piracicaba, 2006. 114 p.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sergio. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 315-334, 31 dez. 2013. IBEPES (Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais). <http://dx.doi.org/10.5329/recadm.2013025>.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Are you financially literate? Discover in the Financial Literacy Thermometer. **Base - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 154-170, 14 jan. 2016. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/base.2016.132.05>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2025.

RAMBO, Andrea Carneiro. **O PERFIL DO INVESTIDOR E MELHORES INVESTIMENTOS: da teoria à prática do mercado brasileiro**. 2014. 86 f. Tese

(Doutorado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/123812/Monografia%20da%20Andrea%20Rambo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 out. 2025.

ROSINI, Alessandro M.; PALMISANO, Angelo. **Administração de Sistemas de Informação - E a gestão do conhecimento** - 2ª edição revista e ampliada. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2013. E-book. p.137. ISBN 9788522114672. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522114672/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SANTOS, João A.; FILHO, Domingos P. **METODOLOGIA CIENTÍFICA**. 2. ed. Porto Alegre: +A Educação - Cengage Learning Brasil, 2012. E-book. p.93. ISBN 9788522112661. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522112661/>. Acesso em: 11 mai. 2025.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, [S.L.], v. 41, n. 6, p. 1121-1141, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0034-76122007000600006>. Acesso em: 29 de mar. 2025.

SERASA. **MAPA DA INADIMPLÊNCIA E RENEGOCIAÇÃO DE DÍVIDAS**. Serasa janeiro de 2025. Disponível em:
<https://cdn.builder.io/o/assets%2Fb212bb18f00a40869a6cd42f77cbeefc%2Fb321ac9033ca447b939233b46e91ba66?alt=media&token=f0c2b1d6-f39f-4fd2-a819-979d51e4b591&apiKey=b212bb18f00a40869a6cd42f77cbeefc>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

SILVA, Pabryny Pereira da *et al.* **Educação financeira**: proposta de cartilha de orientação para Estudantes do ensino superior. 2022.

VIEIRA, Kelmara Mendes; MILACH, Felipe Tavares. LIQUIDEZ/ILIQUEZ NO MERCADO BRASILEIRO: comportamento no período 1995-2005 e suas relações com o retorno. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da Unisinos**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-16, abr. 2008. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/3372/337228634002.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2025.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados

Seção 1 – Perfil do Respondente

1. Idade (anos):

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ 7
- ☐ 8
- ☐ 9
- ☐ 10
- ☐ 11
- ☐ 12
- ☐ 13
- ☐ 14
- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17
- ☐ 18
- ☐ 19
- ☐ 20
- ☐ 21
- ☐ 22
- ☐ 23
- ☐ 24
- ☐ 25
- ☐ 26
- ☐ 27
- ☐ 28
- ☐ 29
- ☐ 30
- ☐ 31
- ☐ 32
- ☐ 33
- ☐ 34
- ☐ 35
- ☐ 36
- ☐ 37
- ☐ 38
- ☐ 39
- ☐ 40
- ☐ 41
- ☐ 42
- ☐ 43
- ☐ 44

- ☐ 45
- ☐ 46
- ☐ 47
- ☐ 48
- ☐ 49
- ☐ 50

2. Gênero:

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outro

3. Com qual dos perfis de investidor abaixo você mais se identifica?

- ☐ Perfil 1: Possuo baixa tolerância ao risco e priorizo investimentos com liquidez, mesmo que o retorno seja menor.
- ☐ Perfil 2: Tenho média tolerância ao risco e busco preservar meu capital no longo prazo, aceitando aplicar parte dos recursos em investimentos de maior risco.
- ☐ Perfil 3: Tenho alta tolerância ao risco e aceito potenciais perdas em busca de maiores retornos.

4. Modalidade do curso:

- ☐ Presencial
- ☐ EAD

5. Cidade de residência (Alto Vale do Itajaí):

- ☐ Agrolândia
- ☐ Agronômica
- ☐ Atalanta
- ☐ Aurora
- ☐ Braço do Trombudo
- ☐ Chapadão do Lageado
- ☐ Dona Emma
- ☐ Ibirama
- ☐ Imbuia
- ☐ Ituporanga
- ☐ José Boiteux
- ☐ Laurentino
- ☐ Lontras
- ☐ Mirim Doce
- ☐ Petrolândia
- ☐ Pouso Redondo
- ☐ Presidente Getúlio
- ☐ Presidente Nereu
- ☐ Rio do Campo
- ☐ Rio do Oeste
- ☐ Rio do Sul
- ☐ Saleté
- ☐ Santa Terezinha
- ☐ Taió
- ☐ Trombudo Central

- ☐ Vidal Ramos
- ☐ Vitor Meireles
- ☐ Witmarsum

6. Semestre/período do curso atualmente:

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ 7
- ☐ 8

7. Rendimento mensal pessoal aproximado (R\$):

- ☐ Não tenho renda
- ☐ Até R\$ 1.518
- ☐ R\$ 1.519 – R\$ 3.036
- ☐ R\$ 3.037 – R\$ 6.072
- ☐ Acima de R\$ 6.073

Seção 2 – Comportamento

Escala: 1 = Nunca | 2 = Raramente | 3 = Às vezes | 4 = Frequentemente | 5 = Sempre

8. Procuro informações sobre como e onde investir meu dinheiro.

- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

9. Invisto regularmente parte da minha renda.

- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

10. Prefiro investir em algo seguro, mesmo que o rendimento seja menor.

- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

11. Acredito que investir é importante para alcançar objetivos de longo prazo.

- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

12. Sinto-me confiante para escolher um investimento sozinho(a).

- ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5

Seção 3 – Conhecimento Básico

13. Imagine que você tem R\$100,00 em uma conta poupança e a taxa de juros é de 10% ao ano. Após 5 anos, quanto dinheiro você terá nessa conta?

- ☐ Mais de R\$150,00
- ☐ Exatamente R\$150,00
- ☐ Menos de R\$150,00
- ☐ Não sei

14. Imagine que a taxa de juros da sua poupança é de 6% ao ano e a taxa de inflação é de 10% ao ano. Após 1 ano, quanto você poderá comprar com o dinheiro dessa conta?

- ☐ () Mais do que hoje
- ☐ () Exatamente o mesmo
- ☐ () Menos do que hoje
- ☐ () Não sei

15. Reserva de emergência:

- ☐ () O que é isso?
- ☐ () Não possui
- ☐ () Possui

16. Em geral, investimentos com maior retorno esperado costumam ter:

- ☐ () Menor risco
- ☐ () Maior risco
- ☐ () Nenhuma relação com risco
- ☐ () Não sei

17. "Liquidez" refere-se melhor a:

- ☐ () Quanto o ativo rendeu historicamente
- ☐ () Facilidade/rapidez de transformar o ativo em dinheiro
- ☐ () Garantia do governo para o ativo
- ☐ () Não sei

Seção 4 – Conhecimento Avançado

18. Quando um investidor diversifica, seus investimentos são distribuídos entre diferentes ativos. O risco de perder dinheiro:

- ☐ () Aumenta
- ☐ () Diminui
- ☐ () Permanece o mesmo
- ☐ () Não sei

19. Qual das afirmações está correta?

- ☐ () Ao investir em fundos de investimento, não é possível retirar o dinheiro no primeiro ano.
- ☐ () Fundos de investimento podem aplicar em diversos ativos, como ações e títulos.
- ☐ () Fundos de investimento pagam taxas de retorno garantidas que dependem do desempenho passado.
- ☐ () Nenhuma das alternativas.
- ☐ () Não sei.

20. Comprar ações de apenas uma empresa é menos arriscado do que comprar ações de muitas empresas juntas (por exemplo, por meio de um fundo).

- ☐ () Verdadeiro
- ☐ () Falso
- ☐ () Não sei